

EM DEFESA DE ALEISTER CROWLEY UMA CARTA ABERTA AO LORDE BEAVERBROOKⁱ

por Norman Mudd

Ao Justo e Honorável Lorde Beaverbrook:

Meu Lorde,

Eu faço este apelo a vós, que sois um Nobre do Reino — um guardião nomeado pela vossa honra pública — e como proprietário do Sunday Express, para reparar uma injúria muito grave e indefensável cometida por aquele jornal contra a honra, a vida e a obra social de um cavalheiro inglês e literato, e contra a virtude pessoal de três mulheres muito nobres que renunciaram às suas ambições privativas a fim de ajudar na sua obra.

1. O caso é o seguinte:—

Entre Novembro de 1922 e Março de 1923, o Sunday Express publicou uma série de artigos sensacionalistas sobre os quais eu reivindiquei, por um motivo de dever público, revelar a verdade sobre a vida e a obra de Aleister Crowley, explorador, dramaturgo, poeta, filósofo e artista.

Estes artigos eram um amontoado de mentiras.

Não apenas eram eles totalmente falsos em espírito — a verdade essencial, em todo assunto de importância, sendo simplesmente suprimida, mas, exceto se tais declarações fossem inofensivas em si mesmas ou triviais, eram totalmente falsas também na letra.

Duas destas mentiras são tão indefensáveis de fato, e tão repugnantes para qualquer princípio de decência e honestidade, que elas devem, pelo interesse público e para a honra da Imprensa Britânica, ser destruídas definitivamente.

2. No Sunday Express de 26 de Novembro de 1922, aparece o seguinte:

ORGIAS DE ALEISTER CROWLEY NA SICÍLIA

.....

MULHERES VÍTIMAS

Três mulheres ele mantém lá permanentemente para as suas orgias. Todas elas ele trouxe da América há dois ou três anos atrás. Uma delas é uma governanta Franco-Americana, outra é uma ex-professora, e outra é uma atriz de cinema de Los Angeles.

Sempre que ele necessita de dinheiro, e não consegue obtê-lo de vítimas ingênuas, ele as envia para as ruas de Palermo ou Nápoles para ganhá-lo através delas.

Uma vez ele foi sentenciado à prisão na América por procurar jovens garotas para um propósito similar.

Ambas as declarações são mentiras em absoluto.

A primeira acusa falsa e arbitrariamente mulheres identificáveis, de serem escravizadas como prostitutas.

A segunda acusa falsa e arbitrariamente um literato bem conhecido de ser um criminoso comprovado.

Consideradas juntas, elas mostram que canalhas anônimos, respaldados pelos recursos de uma grande organização jornalística, podem — de fato, tal como distinto da ficção legal — se dirigir livremente, contra qualquer homem ou mulher que possa estar mal protegidos socialmente, uma inverdade inescrupulosa e uma campanha indecente que, julgada pelos seus efeitos, podem ser moralmente indistinguíveis de assassinato.

3. Esta situação constitui uma ameaça de gravidade sem precedentes contra a vida e a obra de qualquer cidadão individual, e contra os verdadeiros fundamentos da moralidade pública.

A alegação de que um homem tenha sido *aprisionado como um mantenedor de escravos brancos* é tão vitalmente danosa quanto qualquer outra que possa ser feita.

Claramente, se aquela alegação for absolutamente falsa, a ofensa à justiça é grave quase além do precedente. Uma mentira tão baixa e prejudicial deve ser extirpada de uma vez, franca e totalmente, com toda publicidade possível. Negar o direito absoluto de verdade e justiça de ser instantaneamente justificado no assunto deve ser repugnante ao vosso senso de honra.

Não apenas o Sr. Crowley não foi sentenciado à prisão na América como mantenedor de escravos brancos, como também ele jamais foi acusado de qualquer crime perante qualquer corte em qualquer país do mundo.

A declaração feita pelo Sunday Express é, portanto uma mentira absoluta; seu editor sabe que isso é uma mentira; e vós, meu Lorde, estais em posição de comprovar por si mesmo conclusivamente que isso é uma mentira.

Eu presumo que, como proprietário do Sunday Express — uma das maiores forças do mundo jornalístico, e da vida pública da nação — vós estais sob uma clara obrigação de afirmar a verdade neste assunto, e a obrigar o vosso editor a publicá-la de tal modo a reparar a injúria forjada pela sua mentira sórdida.

4. Sua alegação de que, a menos que suas declarações fossem todas corretas, o Sr. Crowley teria imediatamente processado o jornal por calúnia, é uma declaração vil e cínica para ignorar as evidentes inabilidades de todo tipo que assedia a pessoa ausente, o homem pobre, ou o homem envolvido no trabalho criativo, para tomar atitudes legais contra uma corporação rica e poderosa. Para ele um processo por calúnia, mesmo se não realmente impossível, significa, no mínimo, um caos financeiro e a paralisação indefinida da sua obra.

Mais do que isso, a calúnia, o quão falsa de fato, pode ser tão danosa em teor, e fazer um apelo tão inescrupuloso às violentas paixões populares, que ela rouba a sua vítima, com antecedência, de qualquer um dos meios normais de reparação.

O literato é peculiarmente mal protegido contra a calúnia sensacionalista do jornal. Todo editor deve contar, hoje em dia quase exclusivamente, não com a verdade real sobre um autor, nem com o julgamento equilibrado do leitor educado ou homem do mundo, mas com os preconceitos e paixões das massas. Portanto a menos que um literato seja rico o suficiente para chamar o seu detrator a prestar contas imediatamente na corte legal, a falsidade absoluta da calúnia de um jornal não evitará que ela cause, já desde o começo, quase tanto prejuízo moral como se esta fosse uma verdade provada. Ela pode reduzir sua vítima, num golpe, da fartura à pobreza, ou da pobreza à absoluta penúria. Ela pode destruir o seu crédito, de qualquer tipo, por um período crítico inicial; e no tempo que passa antes que ele possa exigir uma audiência, a mentira pode ter feito o seu trabalho, e forjado um dano vital — tanto pessoalmente para o homem, quanto para a causa impessoal de arte e letras — que jamais conseguirá por qualquer possibilidade ser remediada.

A mentira do seu editor forjou o estrago, e muito mais.

Na França, meu Lorde, como estais indubitavelmente ciente, qualquer homem atacado em um jornal tem o direito legal de responder nas suas colunas, e a sua resposta deve ser impressa no mesmo tipo e no mesmo lugar do ataque original.

Esta lei é admiravelmente justa e sábia. Seu efeito tem sido o de dar um basta completo, na França, a esta praga de difamação anônima, quer seja usada como instrumento de chantagem jornalística, ou simplesmente como uma forma de sensacionalismo rentável. O caso presente mostra como um literato, desprotegido no seu direito de resposta, pode estar sujeito por causa de um editor de jornal a uma deslealdade pública do tipo mais atroz e assassino.

5. No início de Julho de 1922—enquanto o Sr. Crowley ainda estava morando em Londres, e meses antes que esta campanha de mentiras fosse trazida à discussão — ele assinou um contrato com seus editores para a escrita e a produção da sua autobiografia. Isto foi iniciado em Londres, e estava sendo bem conduzido, quando ao final de Outubro, o Sr. Crowley deixou a Inglaterra para ir ao seu lar na Sicília. Uma quinzena depois o Sunday Express começou a sua campanha de mentiras ao imprimir uma biografia por conta própria, em algo menos que uma coluna, “a história e o registro completo deste autor sinistro”. Através do curso destes ataques, e dali em diante, o Sr. Crowley trabalhou ininterruptamente, escrevendo 600.000 palavras, sob circunstâncias de extrema dificuldade e contratemplos, e completou o primeiro esboço da sua autobiografia em Setembro de 1923. Esta é a *magnum opus* do Sr. Crowley, e um dos registros mais humanos e iluminados já escritos. É aquela *declaração independente de verdade positiva* que Newman acertadamente declarou ser a única defesa possível e apropriada contra uma vasta massa de difamação irresponsável e anônima. É a legítima defesa do Sr. Crowley — sua defesa o tempo todo — contra quaisquer ataques sérios contra a sua honra pessoal, seja como artista, patriota ou homem.

A iniquidade da situação criada pelas mentiras abomináveis do vosso editor é evidentemente mostrada pelo fato que os editores do Sr. Crowley, apesar da sua completa compreensão e boa vontade, se sentem incapazes, no momento presente, de proceder com a publicação da obra. Eles declaram que as transações relacionadas ao livro e as grandes bibliotecas, na Inglaterra e no exterior, farão boicote ao livro, desde o início, a menos que as mentiras específicas, aqui denunciadas, sejam primeiramente destruídas, de uma vez por todas.

Todo o evento ilustra a absoluta necessidade daquele direito de resposta que a lei da França oferece. De nenhum outro modo um indivíduo privado obterá para a sua defesa qualquer coisa como a mesma ordem de publicidade tal como o ataque faz por si mesmo.

Pode até mesmo acontecer, como mostra o caso presente, que se o mentiroso escolher a sua oportunidade com cuidado, e não for impedido por um senso de decência ou honestidade, a sua vítima poderá perder qualquer chance de apresentar uma resposta pública por completo, ou mesmo permitir que seja sabido que o seu silêncio é forçado e não voluntário.

6. Quando o assunto do Sunday Express de 26 de Novembro chegou até o Sr. Crowley na Sicília, ele imediatamente escreveu para Vossa Senhoria. Ele salientou que estava materialmente indefeso, na ocasião, contra ataques em Londres, não importa o quão falsos. Ele lhe persuadiu, em seu próprio interesse não menos que o dele, para insistir naquela medida de honestidade que estava claramente em seu poder para conceder, e solicitou uma investigação independente das acusações. A carta foi encaminhada para Vossa Senhoria pelos seus editores, mas não houve nem reconhecimento e nenhuma resposta chegou a ser recebida por eles ou por ele. Ao invés disso, em 25 de Fevereiro e 4 de Março, o Sunday Express imprimiu uma narrativa grotescamente estúpida difamando a sua vida em Céfalu, acompanhada por insultos ultrajantes planejados para tomar o seu dinheiro por meio de um processo por difamação. Estas novas mentiras foram reimpressas, em parte por vários jornais italianos, embora não pelos jornais sicilianos; e no final de Abril o Sr. Crowley foi expulso do território italiano e deportado para Túnis, embora uma petição ao Signor Mussolini, assinada por todos os principais cidadãos de Céfalu, protestando contra tal ação. Nenhuma razão foi apresentada para esta expulsão, nem foi dada prioridade a qualquer acusação, mas o seu editor está indubitavelmente correto em reivindicar o evento como a recompensa pelas suas mentiras.

O resultado foi reduzir o Sr. Crowley, que estava convalescendo na ocasião de uma enfermidade longa e perigosa, à absoluta penúria. Numa nota de sete dias ele foi arrancado de sua família, sua biblioteca e todos os recursos do seu trabalho, e foi obrigado a viver no Norte da África, em situação de pobreza, com o trabalho da sua vida indefinidamente suspenso e prejudicado. Era mais do que nunca impossível para ele refutar eficientemente as mentiras do Sunday Express.

7. As circunstâncias me levaram a assumir a tarefa de lidar com a situação desesperada na qual foram subitamente lançados a família do Sr. Crowley e seus dependentes, uma tarefa que ele próprio — sem um centavo, e com a saúde debilitada — não pôde então nem ao menos começar.

Então eu obtive experiência em primeira mão da vil injúria que pode ser feita a pessoas inocentes e indefesas por tal abuso de poder do jornal como o que vosso editor tem sido culpado. Eu decidi por fim, pôr de lado a minha própria obra científica a fim de vir para a Inglaterra e forçar a completa reparação desta injustiça abominável.

Em Junho deste ano, eu apresentei uma declaração sobre o caso perante o Sr. James Douglas, o editor literário do Sunday Express, que tinha iniciado esta campanha de calúnia ao imprimir, sob seu próprio nome, uma revisão grosseiramente injuriosa do romance do Sr. Crowley “O Diário de um Viciado em Drogas”. O seu artigo deturpou o propósito moral daquela obra, como reconhecido em inúmeras revisões desta por literatos em jornais de reputação: ele era uma orgia de devassidão e, em essência uma mentira.

Eu apresentei uma cópia desta declaração perante o conselho editorial do Sunday Express, salientando que a afirmação de que o Sr. Crowley tenha sido sentenciado à prisão (na América ou em qualquer outro lugar,

seja pelo crime alegado ou por qualquer outro delito) era comprovadamente uma inverdade, e pedindo simplesmente pela retirada completa e franca daquela mentira em particular.

Ao mesmo tempo eu lhe enviei privativamente uma declaração completa, apoiada por documentos, não apenas refutando as calúnias do vosso editor, mas contendo verdade positiva o suficiente a respeito da vida e obra do Sr. Crowley para provar que o caso apresentado pelo Sunday Express era tão falso no espírito quanto na letra.

Eu fiz tudo o que pude para garantir que estas representações chegassem à vossa informação pessoal.

Aqui novamente, eu não recebi nem reconhecimento nem resposta.

8. Tal silêncio persistente, seja qual for a sua explicação, me obriga a trazer o assunto essencial ao seu conhecimento neste assunto mais público.

Vosso editor afirma que o Sr. Crowley foi sentenciado à prisão na América por procurar jovens garotas para propósitos infames.

A verdade é que o Sr. Crowley jamais foi tão acusado por qualquer crime perante qualquer corte em qualquer país do mundo.

Assim sendo nenhuma pessoa honesta pode fingir por um momento que qualquer processo legal seja necessário a fim de expor a incondicionalidade desta mentira em particular.

Uma acusação criminal é um assunto de registro público, e tal alegação como fez o vosso editor, é passível de prova ou refutação rigorosas, como qualquer outro assunto de histórico público oficialmente registrado.

É este fato óbvio, sentido instantaneamente por todo leitor, que torna esta mentira tão covarde. Todo leitor assume instintivamente que nem descuido nem malícia poderiam imprimir uma mentira completa sobre um assunto que é tão vital, e que possa, desde a sua verdadeira natureza, ser tão conclusivamente afirmada. Todo leitor assume que nenhum editor poderia ser tão criminalmente ou perigosamente inescrupuloso a ponto de publicar tal difamação danosa sem ser capaz de provar a sua verdade imediatamente, especificando o tempo e o local da acusação alegada e apelando aos registros oficiais das cortes. Todo leitor assume, *portanto sem hesitação*, que tal alegação deliberadamente publicada por um jornal bem conhecido, como uma acusação formal, deve ser verdadeira.

9. Então vós, meu Lorde, como proprietário do Sunday Express, pode se contentar, através de uma averiguação de poucos minutos, que o vosso editor é incapaz de especificar a data ou local de qualquer acusação.

Vossa Senhoria poderá obrigá-lo a admitir para vós que ele imprimiu esta, a calúnia mais prejudicial concebível, quer sem tentar confirmá-la, ou depois de fracassar ao fazê-lo.

Vossa Senhoria poderá se contentar por ele não ter agora, e jamais teve, um traço de prova que possa apoiar sua alegação.

10. Eu não duvido que Vossa Senhoria irá atribuir a estes fatos o mesmo significado moral como todo homem honesto fará; a saber, que o vosso editor é totalmente irresponsável e inescrupuloso, desprovido de qualquer consideração apropriada pela verdade, honestidade ou moralidade pública.

Considerando as circunstâncias nas quais o Sr. Crowley colocado na ocasião — circunstâncias bem conhecidas para o vosso editor— esta mentira infame foi estritamente criminosa: pois um homem pode ser levado à morte por calúnias venenosas muito menos piedosamente do que por venenos mais rudes.

11. Meu Lorde, Vossa Senhoria não pode escapar da mais grave responsabilidade pessoal neste caso.

Vosso editor não poderia, com quaisquer recursos privados próprios, assumir uma campanha prolongada de calúnia jornalística. É na sua riqueza, em particular, que ele confia quando ele provoca o Sr. Crowley a fim de encher os seus bolsos através de uma ação legal. É o seu capital, de vários tipos, que ele usa de modo a reunir fofocas anônimas, adquirir entrevistas difamatórias, e dar às suas calúnias uma publicidade mundial. Vossa Senhoria não pode evitar a responsabilidade moral por seu abuso desonroso do poder que Vossa Senhoria colocou em suas mãos. Se Vossa Senhoria não puder evitar as calúnias infames da parte dele, Vossa Senhoria estará obrigada a reparar o mal assim que ele é mostrado para si.

Ao depositar nas mãos de canalhas inescrupulosos o poder de levar pessoas inocentes, virtualmente indefesas, à fome, Vossa Senhoria — um Nobre do Reino, um dos guardiões escolhido pela sua honra pública, um representante das ilustres tradições da cavalaria inglesa — está ajudando a degradar os padrões de moralidade e honra públicas.

12. Vosso editor—meramente pelo propósito de aplicar um golpe sujo contra o Sr. Crowley — destacando, entre seus associados, três damas que foram nobres e altruístas o suficiente para renunciar às suas carreiras profissionais a fim de ajudar na sua obra.

Estas damas não são pessoas britânicas, mas o vosso editor as identificou muito claramente quanto aos seus círculos profissionais, familiares e privados na Inglaterra e na América.

Ele foi vil o suficiente para acusá-las, sem um átomo concebível de justificação, de praticar prostituição pública em cidades estrangeiras.

“Sempre que ele necessita de dinheiro, e não consegue obtê-lo de vítimas ingênuas, ele as envia para as ruas de Palermo ou Nápoles para ganhá-lo através delas.”

“Uma vez ele foi sentenciado à prisão na América por procurar jovens garotas para um propósito similar.”

A última destas declarações é uma mentira demonstrável, porém ela serve para tornar a primeira declaração mais perniciosa, grosseira e abominável.

13. Ao publicar aquela mentira no primeiro caso — sabendo bem que ele não conseguiria justificá-la — e a mantendo silenciosamente sob intimidação, vosso editor se mostrou tão grande covarde quanto mentiroso.

É um ultraje intolerável para a decência da vida pública inglesa que este patife, amparado pela sua riqueza, tenha permissão para publicar para o mundo inteiro calúnias obscenas contra a virtude pessoal de mulheres nobres.

Um Barão da Inglaterra, cúmplice de um crime tão sórdido e desprezível?

Tenho a honra de ser,
um servidor obediente de Vossa Senhoria,
Norman MUDD,

M.A. Cambridge: por algum tempo
Especialista do Trinity College.
Antigo Palestrante de Matemática
Aplicada, Grey University College,
África do Sul.

37^a Tressilian Road,
Brockley, Londres, S.E.4.
Agosto de 1924.

© *Norman Mudd*

INFORMAÇÕES EDITORIAIS

Título:	Em Defesa de Aleister Crowley – Uma Carta Aberta ao Lorde Beaverbrook
Autor:	Norman Mudd
Origem:	Espaço Novo Æon (www.thelema.com.br/espaco-novo-aeon)
Tradução:	Arnaldo Lucchesi Cardoso (arnaldolucchesi@hotmail.com)
Revisão:	Jonatas Lacerda (jonatas.lacerda@thelema.com.br)
Edição:	Jonatas Lacerda (jonatas.lacerda@thelema.com.br)
Versão:	1.0 – 31/12/2011 e.v.

ⁱ O presente ensaio (ou livro) pode ser encontrado no site www.thelema.com.br/espaco-novo-aeon. O copyright © de todo material de autoria de Aleister Crowley pertence à O.T.O. – Ordo Templi Orientis (<http://oto.org/>) e esta tradução não pode ser utilizada de forma alguma para fins comerciais, devendo sempre manter os créditos e ressalvas. **Importante:** o Espaço Novo Æon não é um veículo da O.T.O. – Ordo Templi Orientis e nem está subordinado ou é patrocinado pela mesma.